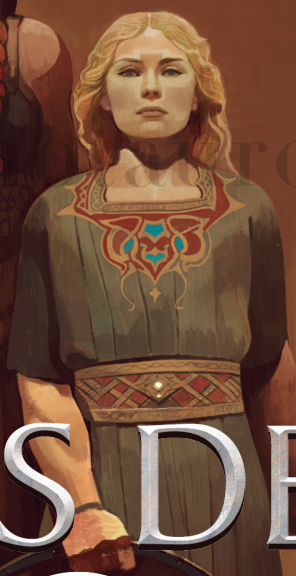
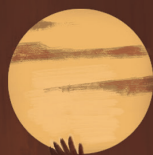


MARION  
ZIMMER  
BRADLEY

e DIANA L. PAXSON



# CORVOS DE AVALON

O SEXTO LIVRO DO CICLO DE AVALON



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MARION ZIMMER BRADLEY  
e DIANA L. PAXSON

# CORVOS DE AVALON

*Tradução*  
Marina Della Valle



Planeta minotauro

TRECHO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © The Marion Zimmer Bradley Literary Trust Works e Diana L. Paxson, 2007  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024  
Copyright da tradução © Marina Della Valle, 2024  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Ravens of Avalon*

*Preparação:* Lígia Alves  
*Revisão:* Caroline Silva e Carmen Costa  
*Projeto gráfico e diagramação:* Márcia Matos  
*Capa:* Fabio Oliveira  
*Ilustração de capa:* Bruno Biazotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bradley, Marion Zimmer  
Corvos de Avalon / Marion Zimmer Bradley, Diana L. Paxson;  
tradução de Marina Della Valle. – São Paulo: Planeta do Brasil,  
2024.  
368 p.

ISBN 978-85-422-2938-7  
Título original: Ravens of Avalon

1. Ficção norte-americana I. Título II. Paxson, Diana L. III. Valle,  
Marina Della

24-4783

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:  
I. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está  
apoiando o manejo responsável de  
florestas do mundo

2024  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar  
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**h**aviam chegado à ilha dos druidas um pouco antes do anoitecer, Boudica sentada muito ereta na sela, de modo que ninguém percebesse que ela sentia medo. Piscou para afastar memórias de águas azuis enevoadas de magia e telhados cônicos de colmo contra um céu que esmaecia, um grupo de homens de barba usando túnicas brancas e mulheres veladas com olhos cheios de segredo, e o pequeno choque quando passavam entre as colunas entalhadas e pintadas que protegiam Lys Deru – o pátio dos carvalhos.

Eles a tinham levado para a Casa das Donzelas. Oito meninas de idades variadas, de nove ou dez a catorze, a idade dela, olhavam para ela.

— É sempre frio aqui dentro? — Boudica perguntou.

Ela não sabia se tremia de exaustão ou por causa da magia.

— Frio? — respondeu uma garota de cabelos escuros que tinha sido apresentada como Brenna. — No inverno, claro, mas agora é primavera!

Ela usava a túnica simples sem mangas de linho sem tingimento que todas as meninas usavam, presa nos ombros com fíbulas de bronze e com um cinto verde.

— Vai aprender a manter seu fogo interno aceso, para não sentir frio — Brenna continuou. — Mas agora vamos ver se conseguimos deixar o lugar mais quente...

Ela franziu o cenho em concentração, então fez um gesto, e os gravetos na lareira principal irromperam em chamas de repente. Pelo sorriso de Brenna, Boudica achou que ela acabara de aprender aquela habilidade. Ela sorriu de volta, tentando não demonstrar o quanto tinha ficado impressionada com aquele feito. Poderia ser uma noviça na magia, mas vinha de família real e fora criada na casa do grande rei Cunobelin.

Boudica tinha muita consciência de ter vivido na túnica de lã e culotes que usava por baixo pelo último mês de viagem, mas as vestes simples das outras garotas pareciam uma péssima alternativa. E quanto a um banho... os druidas provavelmente se banhavam nas águas geladas do riacho. Ela se endireitou e tocou a barra de pele de raposa do manto, que tinha a cor tão parecida com a de seu cabelo. Melhor que a achassem vaidosa do que fraca. Tinha chorado nas primeiras noites da viagem através

da Britânia, embrulhada em mantos e cobertores sobre o chão duro, mas não iria chorar agora.

— Você é da terra dos icenos, não é? Quero apresentar o resto do nosso grupo. Essa é Coventa — Brenna passou o braço em torno de uma menina pequena, de cabelo loiro. — Ela vem da terra dos brigantes, como eu. E aquela é Mandua, dos atrébates. — Apontou para uma menina mais velha com uma cara descontente.

Conforme os nomes passavam, Boudica via curiosidade e julgamento nos olhos delas.

Vestidas como estavam, todas iguais, ela não sabia quais eram filhas de chefes tribais e quais eram filhas de fazendeiros. Essa era provavelmente a intenção. Era costume enviar os filhos das boas famílias para uma estação ou duas com os druidas, para que tivessem um fundamento da filosofia mais profunda atrás das superstições do povo comum. Mas as crianças camponesas escolhidas pelos sacerdotes por seus talentos poderiam desdenhar daquelas cujo nascimento era a única qualificação para estarem ali. Boudica já havia jurado que não teriam motivo para desdenhar *dela*.

— Mas a Ilha de Mona não pertence a nenhuma tribo — terminou Brenna. — É por isso que a Escola de Mistérios foi estabelecida aqui em Lys Deru.

— Sério? — perguntou Mandua. — Achei que tivéssemos vindo aqui para o fim do mundo para ficar fora do alcance dos romanos.

Boudica sentou-se na cama, lembrando da imensidão e do poder das montanhas pelas quais tinham passado. E, no entanto, a estrada, por mais que tivesse sido difícil, a levava até ali. Em Camulodunon parecia que nada estava fora do alcance dos romanos. Mas ali, tão longe de tudo o que já conhecera, não tinha mais certeza. Ela abriu um sorriso alegre para as outras garotas.

— Abençoo a hora de nosso encontro. Tenho certeza de que vocês terão muita coisa a me dizer...

— É Lhiannon quem você precisa ouvir — disse a pequena Coventa, com um riso. — Helve tem o título de Senhora da Casa das Donzelas, mas é Lhiannon quem faz o trabalho. — Ela parou com a cara feia de Brenna. — Bem, é *verdade*, e não é a verdade que estamos buscando aqui?

Boudica levantou uma sobrancelha.

— Se for, os druidas são diferentes de qualquer outro grupo de pessoas que já conheci — ela disse, secamente.

— Acha que sabe tanta coisa a mais porque foi criada no forte de um rei? — protestou Brenna. — Aqui servimos aos deuses!

— Mas ainda não são deuses. — Boudica deu de ombros. — Os druidas que serviam o rei Cunobelin eram tão ávidos de poder quanto qualquer outro dos chefes.

Coventa franziu o cenho.

— Talvez viver no mundo os tenha corrompido.

— Bem, não devemos brigar por isso na sua primeira noite aqui — disse Brenna, de modo apaziguador. — Como era em Camulodunon? O forte de Cunobelin realmente tem colmo dourado e paredes de mármore?

Boudica riu.

— Só o dourado da palha de trigo, mas é cortada em um padrão de camadas, e os muros exteriores são caiados e pintados com espirais coloridas.

— Parece uma morada dos deuses — suspirou Brenna.

— Era... — disse Boudica, com os olhos marejando por uma onda súbita de anseio pelo lugar que tinha sido seu lar desde os sete anos.

Mas o grande rei estava morto, sua corte havia se dispersado, e seu pai a tinha enviado ali para o fim do mundo.

— Não somos deuses aqui, mas não vamos deixá-la com fome — veio uma voz da porta.

Levantando os olhos, Boudica viu uma jovem esguia usando a túnica azul de uma sacerdotisa formada, com cabelos loiros caindo até a metade das costas debaixo de um véu escuro. Quando ela entrou na casa redonda, as outras meninas se endireitaram e se curvaram.

Boudica lançou um olhar rápido, imaginando o quanto ela havia escutado. Se a mulher era um poder naquele lugar, precisaria tratá-la com cuidado. Ela olhou novamente e viu seu olhar retribuído por olhos azuis tão claros que pareciam luminosos. A crescente azul da Deusa estava tatuada entre as sobrancelhas claras.

— Meu nome é Lhiannon — a mulher então disse.

Enquanto ela sorria, os cílios velaram aquele olhar azul, e Boudica conseguiu desviar os olhos.

— Serei sua professora.

\*\*\*

A correnteza do riacho era rápida e forte. Acima, três corvos crocitavam enquanto dançavam no vento.

Boudica tinha ficado feliz com uma pausa nas lições, mas lutar com a água não fazia parte de sua ideia de diversão. Ela avançou com cuidado na direção do meio do riacho, onde águas pardas espumavam em torno de um emaranhado de galhos. O riacho era tido como consagrado à deusa Brigantia, mas, se era verdade, ela era uma deusa raivosa naquele momento.

Os sacerdotes tinham colocado os mais jovens para limpar o curso do córrego que corria por trás de Lys Deru, agora cheio com a água das chuvas de primavera. A enchente trouxera grandes quantidades de detritos

que sufocavam o curso d'água e ameaçavam inundar as casas redondas, e a vala que impedia o gado de entrar na vila não era funda o suficiente para levar o excesso de água. Como Lhiannon tinha observado, sempre precisavam de madeira para o fogo. Seria ingrato desperdiçar aquela generosidade.

O jovem sacerdote Ardanos, que as garotas diziam que cortejava Lhiannon, havia dito a eles que limpar o riacho seria um serviço para o espírito que vivia ali. Boudica esperava que sim. Ela pegou com força o galho mais próximo e começou a puxar, xingou quando os dedos escorregaram no galho molhado, e puxou de novo. Algo cedeu, então enroscou. Um graveto tinha enganchado debaixo de outro galho e estava preso ali. Claramente aquela tarefa precisava de mais mãos. Ela se virou, apertando os olhos ao procurar as outras. Mais nuvens se empilhavam acima. A costa rochosa que dava para o mar de Eriu receberia o pior da tempestade, mas a chuva iria assolar a ilha.

— Mandua! — ela gritou, reconhecendo a trança castanha da menina.  
— Mandua... levante aquele galho para mim, assim consigo soltar esse!

A outra garota se virou, surpresa, então jogou o graveto que segurava na direção da margem e começou a descer pelo riacho.

Tinha sido uma boa ideia, pensou Boudica quando a madeira se soltou. Um galho daquele tamanho manteria o fogo aceso por horas. E a pilha estava cheia de outros como aquele. Parecia uma pena gastar tempo para levar o galho que segurava até a margem. Ela olhou para as outras formas enlameadas.

— Senora! Coventa! Venham aqui. Podemos tirar essa madeira muito mais rápido se a passarmos de mão em mão! Os rapazes não vão conseguir chegar nem perto.

Conforme olharam para Boudica em dúvida, ela apontou para mais abaixo no riacho, onde os rapazes trabalhavam.

— Prometeram que os que fizerem a maior pilha de madeira vão ganhar bolos de mel hoje à noite.

Em alguns minutos Brenna e Kea cuidavam da próxima pilha de madeira para ela, com as meninas menores ajudando. Boudica puxava a madeira molhada, os lábios repuxados em um sorriso feroz. Não importava mais que aquele não era um trabalho digno de uma mulher da realeza ou de uma icena. Tantos costumes dos druidas eram estranhos para ela; era um alívio lidar com algo que ela realmente podia *fazer*.

Perdida no ritmo do trabalho, ela não prestava atenção em nada além dos emaranhados de madeira diante dela. Foi só quando não havia mais mãos disponíveis para pegar o próximo tronco que ela se concentrou nos arredores.

— Não consigo pegar, Boudica... minhas mãos estão dormentes! — Senora as levantou.

— Troque de lugar com Coventa e coloque as mãos nos sovacos enquanto espera que ela passe o próximo — ela ordenou. — Vamos, Coventa... não, não é muito fundo. Aqui, pegue a ponta desse galho e passe adiante.

Coventa parecia quase tão pálida quando Senora, mas obedeceu. Agora as outras também estavam reclamando. Boudica também estava molhada e com frio, mas isso não tinha permissão para importar. Estavam fazendo um bom progresso. A água parda corria rapidamente onde haviam limpo o canal, e a pilha de galhos na margem era mais alta que Coventa.

— Não tiramos o suficiente? — perguntou Mandua, gritando acima do barulho do riacho. — Não consigo mais sentir meus pés!

— Não até *termos* acabado — gritou Boudica. — Olhe, há só essa última pilha, e nossa parte do riacho vai estar limpa.

Estava escurecendo, mas ela podia ver onde pegar o próximo pedaço de madeira. Ela se aproximou dele, lutando contra a correnteza, que tinha ficado mais forte com a retirada das obstruções.

— Coventa! Coventa caiu! — Senora acenava desenfreadamente, apontando para o riacho adiante dela.

Boudica avistou uma bolha clara de pano passar boiando e se jogou em um mergulho baixo. Suas mãos, mais frias do que tinha se permitido perceber, tentaram se fechar no pano e fracassaram. Ela desceu, bateu os pés no chão, se jogou e pegou a outra menina pelo braço. A carne fria de Coventa era escorregadia, mas Boudica apertou. Agora as duas estavam debaixo d'água. Era um galho molhado que prendia sua túnica ou mãos frias que buscavam puxá-la para baixo? Mais uma vez ela se esforçou para ficar de pé, segurando Coventa pelo meio do corpo. Brenna veio em sua direção, com as outras atrás dela. Mão a mão, passaram a garota para a margem, e então Brenna estava ajudando Boudica a subir para a margem, onde ela se sentou, os dentes batendo tanto de choque quanto de frio.

Nesse momento Ardanos a levantava, e ela foi levada de volta para a Casa das Donzelas. Coventa tinha sido levada aos curandeiros, mas ninguém parecia se importar que Boudica também estivesse molhada e congelada. Ela se secou da melhor maneira que conseguiu, vestiu uma túnica de lã e seu manto com barrado de pele, então se sentou ao pé da pequena fogueira, tendo apenas a cabeça de pedra do espírito da casa em seu nicho na porta como companhia.

Iam enviá-la de volta para casa? Boudica não sabia se devia sentir esperança ou medo. Ir para casa derrotada iria amargar sua alma.

Preferiria ficar o ano todo, e quando os homens da tribo viessem com as oferendas do ano seguinte, poderia escolher ir embora com eles.

Seu cabelo tinha secado do castanho-avermelhado molhado para seus cachos ruivos dourados de sempre quando a pele que cobria a porta farfalhou. Boudica levantou os olhos e reconheceu a silhueta esguia de Lhiannon na penumbra.

— O que está fazendo aqui? O jantar está pronto e vi que não estava lá. Não está com fome?

Boudica assentiu.

— Ninguém veio avisar. Pensei que estava sendo punida.

— Ah...

Lhiannon cutucou as brasas, e as chamas que subiram brilharam no cabelo louro dela. Com um suspiro, a sacerdotisa sentou-se do outro lado da fogueira.

— Acha que deveria ser?

— Não! — a resposta saiu. — Foi um acidente! O rio estava com correnteza forte... qualquer um poderia ter caído! E... acho que o espírito do riacho quer uma oferenda.

— Isso foi providenciado — respondeu Lhiannon.

Ela esperou, olhando Boudica com aquele olhar azul calmo até que a menina tivesse controlado a respiração de novo.

— Coventa está bem? — Boudica engoliu em seco, lembrando como a outra menina estava mole em seus braços.

— Bem — disse Lhiannon —, não foi a primeira coisa que você disse, mas ao menos perguntou... Acharmos que Coventa bateu a cabeça em uma pedra quando caiu na água. Mas ela está acordada agora, e pedindo comida. Os curandeiros vão ficar com ela por um tempo para verificar se a água que ela engoliu causou algum mal, mas ela deve se recuperar bem.

— Fico feliz — sussurrou Boudica.

Ela se endireitou, aliviada com o fim de um medo que não sabia que sentia bombeando calor pelas veias.

— Deveria ficar. Então faço a pergunta novamente... acha que deveríamos puni-la?

A garota deu de ombros.

— As pessoas sempre procuram alguém para colocar a culpa quando as coisas dão errado.

Tinha visto aquilo com frequência no salão do rei Cunobelin.

— Vamos olhar para isso de outra maneira — disse Lhiannon. — Se Coventa tivesse morrido, ficaria devendo compensação pela morte dela?

Boudica levantou os olhos para ela, entendendo que era uma questão diferente.

— Quer dizer que o que aconteceu foi minha responsabilidade? Lhiannon olhou para ela, os olhos claros brilhando esmaecidos.  
— Por que Coventa estava no riacho?  
— Porque a senhora nos mandou retirar a madeira que o bloqueava!  
— retrucou Boudica.

— De fato, e não fique surpresa em saber que a grã-sacerdotisa e eu já tivemos a mesma conversa que estamos tendo agora. Foi minha culpa que vocês estivessem lá, e eu deveria ter ficado para supervisioná-las.

— Mas estávamos indo muito bem...

— Era um bom plano — concordou Lhiannon —, mas até o maior dos guerreiros não pode lutar bem com uma espada enfraquecida.

Boudica franziu o cenho, vendo na mente a forma pequena da menina mais nova.

— Ela era muito pequena... — por fim disse.

— Ela não estava à altura da tarefa que você deu a ela, e vocês todas trabalharam muito duro e por muito tempo. Imagino que não tenha passado muito tempo com outras crianças... é verdade?

Conforme Boudica assentiu, ela continuou.

— Você vem da raça belga, que é um povo alto e vigoroso, e você mesma é mais forte que muitas meninas de sua idade. Precisa aprender a ver os outros como são, não como gostaria que fossem. Você se transformou na líder delas, então elas eram sua responsabilidade.

— O rei Cunobelin tinha um dom para isso — disse Boudica. — Até quando os homens tentavam traí-lo, serviam a seus propósitos, porque ele os colocava em posições em que a inclinação pessoal deles avançaria para seus objetivos. Mas eu sou só uma menina. Jamais pensei...

— Acha que tem menos poder por ser mulher? Dizem que não é assim entre os romanos, mas nós druidas sabemos que a Deusa é a fonte de soberania, e é por intermédio das rainhas e sacerdotisas que ela é concedida aos homens. E você é a filha de gerações de chefes. Não me surpreende que as outras meninas tenham obedecido.

A menina se irritou com o tom. O que aquela mulher sabia sobre os costumes dos reis? Mas ela tinha razão num ponto: Boudica sempre fora súdita de alguém. Jamais havia pensado que ela, também, poderia ter poder.

— Entendo — ela disse devagar.

— Bem, se entende, então algo útil saiu deste dia! — concluiu Lhiannon, brevemente. — Venha comigo agora e coma alguma coisa quente, e depois, se quiser, pode visitar Coventa e se certificar de que ela está bem.

\*\*\*

Na semana seguinte ao quase afogamento de Coventa, uma última tempestade enviou águas gargalhando pelo leito limpo do riacho. Então o tempo esquentou, como se o espírito do riacho, tendo sido aplacado, houvesse trazido a primavera. Foi só na noite da lua nova que Lhiannon teve a oportunidade de falar com Ardanos.

Enquanto passavam pela floresta a caminho do bosque, ele diminuiu o ritmo normalmente ligeiro para acompanhar o dela. Ele era pouco mais alto que ela, e mais magro que musculoso, mas tinha uma autoridade natural, e os outros homens o respeitavam. Ele assoviava baixo. Ela corou ao perceber que era uma canção que ele escrevera para ela...

*Meu amor tem cabelos de linho dourado  
Com olhos como o céu do verão,  
Os juncos se curvam, com inveja de seu gingado  
Os salgueiros oscilantes suspiram...*

Vendo a resposta dela, ele riu.

— E como nossa princesa icena está se estabelecendo?

— Muito consciente de que *é* uma princesa, temo — respondeu Lhiannon.

Ela baixou a voz quando um grupo de jovens sacerdotes passou por eles, as túnicas uma mancha pálida no anoitecer.

— Mas ela é uma líder natural. Pode virar sacerdotisa se aprender a ter humildade.

— Bem, ela não seria a primeira a ter esse problema... — respondeu Ardanos.

Ele falava de Helve. Lhiannon seguiu o olhar dele. Muitos anos atrás, aquela parte da floresta tinha recebido a plantação de um círculo triplo de carvalhos, cujas folhas recortadas farfalhavam baixo no vento da noite. A lua brilhava como uma pérola de rio curvada presa numa rede de galhos. As capas das sacerdotisas formavam uma mancha escura debaixo das árvores. Ela apertou a mão dele em sinal de concordância antes de cruzar o gramado para encontrá-las.

— Lhiannon, sua presença nos honra — disse Helve.

Ela era uma sacerdotisa experiente e quase tão talentosa quanto achava que era. Lhiannon não sabia dizer se ela falava em zombaria.

— As meninas deram trabalho para se aquietar para a noite?

*Se você estivesse lá, ela pensou, não precisaria perguntar.*

— Aquela nova, a menina icena, precisa de observação... talvez eu devesse pegá-la para um treinamento especial — continuou Helve.

— Você é a Senhora da Casa das Donzelas — ela respondeu em voz baixa, mas pensava: *Se quer ensinar Boudica, sugiro que comece por aprender o nome dela!*

Ela não sabia se sentia esperança ou temor de que Helve tirasse a garota de suas mãos. Boudica era tão orgulhosa quanto a sacerdotisa, e poderia ser ainda mais teimosa. A menina poderia se rebelar, ou pior, Helve poderia encorajar a arrogância dela em vez de ensinar humildade.

Um tilintar de sinos soou pelo círculo. Acompanhada de suas aias, a grã-sacerdotisa emergia das árvores. Movendo-se no ritmo do ritual, a figura robusta de Mearan tinha uma graça equilibrada. Embora toda a comunidade venerasse junta, os rituais da lua pertenciam às sacerdotisas, assim como os sacerdotes se encarregavam dos rituais do sol, e aquela era a hora da Senhora.

— Contemplai, ó minhas crianças, como a Lua Donzela brilha sobre nós — a voz da grã-sacerdotisa ecoava pelo círculo. — Ela se levanta cedo e vai para a cama cedo... jovem e cheia de promessas, como as crianças que vêm estudar aqui. De nós, vão aprender nossa tradição ancestral. Mas o que vamos aprender com elas? Nesta noite pedimos à Deusa para abrir nossos corações e nossas mentes. Pois, embora a sabedoria dos antigos perdure, o mundo está em mudança constante, e o significado da sabedoria também muda. Não será proveitoso para nós se nos afastarmos das pessoas que estamos aqui para servir a ponto de não entenderem nossas palavras.

O círculo estava em silêncio. No bosque de carvalhos, um pombo cantou uma vez, e então tudo ficou quieto. Concentrando-se em sua ligação com a terra, Lhiannon tentou deixar suas tensões se esvaírem. A quietude aumentou enquanto as outras faziam o mesmo, e o silêncio no círculo se tornou carregado de energia.

A grã-sacerdotisa se aproximou da pedra em pé no centro do círculo.

— Para ti, amada Senhora, trazemos essas oferendas.

Uma a uma, as aias depositaram sobre a pedra as flores de primavera que carregavam, e Lhiannon e as outras sacerdotisas se aproximaram para cercá-las.

— Deusa sagrada, Deusa sagrada... — As vozes das mulheres se ergueram, invocando o nome sagrado em harmonias tecidas.

*Sobre estas árvores ancestrais sagradas  
Derrama tua linda luz prateada;  
Revela tua face, para nos mostrar  
Tua luz na noite, desvelada...*

Mearan ficou na frente do altar, as mãos levantadas em adoração. Conforme a música continuou, o luar parecia se concentrar em torno dela de modo doce e suave enquanto a Deusa entrava. Seu corpo robusto ficava mais alto, o rosto, radiante; ela brilhava de poder. Agora estava esquecida a face da raiva que a Deusa mostrava quando os homens a chamavam de Corvo de Batalha. Era a doce Deusa da Roda Prateada que tinha chegado ali para eles.

— Deusa sagrada, Deusa sagrada... — cantavam os homens, como se a terra sólida tivesse encontrado uma voz para responder.

*Brilha sobre a terra fértil,  
Brilha sobre o mar que ressoa;  
Como bênção envia tua terna luz  
A todas as coisas vivas que a ti oram.*

A Deusa se virou, as mãos abertas em bênção. No olhar profundo Dela encontravam perdão, entendimento, amor.

Lhiannon suspirou, soltando o resto de seu ressentimento. E, como se aquilo fosse a oferta esperada, sentiu a alma se encher de uma paz branca. *Ah, Boudica, isso é o que precisamos oferecer a você* – um pensamento solto lhe veio à cabeça. *Espero que um dia você entenda...* Então aquilo também desapareceu, e só havia luz.

\*\*\*

A vez de Boudica servir a senhora Mearan só chegou no outono. A grã-sacerdotisa ocupava a casa redonda grande na beirada do Bosque Sagrado. A cada lua, duas aias e uma das sacerdotisas mais jovens se juntavam a ela lá.

Boudica disse a si mesma que não havia motivos para ficar nervosa. Havia servido no forte de um grande rei. Mas os reis só tinham poder físico. A vida entre os druidas não era cheia de sinais e maravilhas, mas, nos seis meses desde que tinha chegado, tinha vislumbrado estranhezas o suficiente para saber que o poder estava ali. E, no entanto, na vida diária a grã-sacerdotisa parecia ser pouco diferente de qualquer mulher na idade dela. Ela deslizava os braços pelas mangas da túnica, um de cada vez, e se atrapalhava se as criadas tivessem dobrado a veste de maneira errada. Mas, quando a grã-sacerdotisa olhava para ela, Boudica sempre sentia seu olhar.

Na casa da grã-sacerdotisa, o aroma doce de ervas secando se mesclava à fumaça da lareira, e sempre havia uma chaleira de cobre cheia de água para o chá pendurada sobre as brasas. Os únicos sons eram o murmúrio

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

das vozes das mulheres, o crepitar do fogo e o sussurro da chuva que caía. Em uma noite assim, quando o anoitecer chegara cedo, Boudica se viu sozinha com a grã-sacerdotisa enquanto as outras pegavam comida para o jantar. Ficou tensa quando a mulher mais velha fez um sinal para que ela se sentasse perto.

— Então, está contente conosco aqui? — perguntou Mearan.

A menina arriscou um olhar rápido para a sacerdotisa. A idade tinha soltado a carne que recobria os ossos fortes, mas os olhos escuros da mulher eram como uma poça profunda em que desculpas ou prevaricação simplesmente desapareceriam.

— Eu gosto de Lys Deru — Boudica disse abruptamente. — Mas não tenho talento para as coisas que vocês fazem, e não gosto de ser tratada como um bebê porque não consigo fazê-las...

— Perceber o que precisa ser feito e liderar os outros a fazê-lo também é um dom — disse a sacerdotisa. — Não esteja tão certa de que sabe tudo o que consegue ou não consegue fazer...

Boudica estava tentando encontrar palavras para perguntar o que ela queria dizer quando ouviu vozes pela porta. Mandua a abriu com os ombros e entrou, seguida por Lhiannon e Coventa, todas carregadas de comida. Foram seguidas por uma rajada de chuva fria.

— Isso parece esplêndido — disse a grã-sacerdotisa. — E a água na minha chaleira está quase fervendo, então vamos tomar chá logo.

— Com pão de aveia? — perguntou Coventa, com esperança.

— Assim que a pedra ficar quente — respondeu Boudica, colocando um pouco de gordura na tigela de aveia moída.

Era agradável ouvir a chuva chacoalhando as árvores lá fora sentada com amigas ao lado da lareira. Ela jogou leite coalhado na mistura, fazendo uma pasta, salpicando aveia em uma tábua chata, e virou a massa sobre ela, colocando mais farinha nas mãos antes de começar a sovar. A luz avermelhada corria pelas pregas longas das túnicas que pendiam das vigas da casa e tocava as formas menos identificáveis de sacolas e caixas com magia. Provavelmente, ela pensou, elas *eram* magia – ervas e pedras e pedaços disso e daquilo, as coisas das quais os druidas precisavam para seus feitiços.

Coventa respingou um pouco de chá sobre a ardósia chata que tinham colocado sobre as brasas. Conforme o chá sibilou, Boudica fez um círculo com a massa e a dividiu rapidamente. Um respingo de gordura sobre a pedra e ela estava pronta para o pão de aveia. Em instantes, o cheiro suave de aveia assando começou a se mesclar com os outros cheiros do cômodo.

— Escutem o vento! — disse Mandua, estremeando.

— Ele sussurra histórias de todos os lugares em que estive — concordou Coventa.

— Ou grita — corrigiu Boudica, ouvindo a estrutura de madeira que dava apoio ao telhado de colmo se flexionar com uma nova rajada.

Lhiannon sorriu.

— Em uma noite assim, sempre penso naqueles que enfrentaram a tempestade para chegar a esta ilha. Dizem que os primeiros sábios que viveram em Avalon vieram de uma grande ilha que foi tomada pelo mar.

— Mas como os druidas chegaram aqui? — perguntou Coventa, tirando os pães de aveia tostados da pedra e colocando-os num cesto.

— Parece uma noite apropriada para a história... — A senhora Mearan pingou um pouco de mel no pão de aveia e deu uma mordida com um suspiro satisfeito. — Aqueles primeiros sacerdotes do Carvalho devem ter achado o oceano apavorante quando chegaram aqui, seguindo os primeiros guerreiros celtas que viram esta terra. O povo deles cresceu muito, e seus clãs espiralaram por todas as direções. Alguns foram para o norte para fazer a Gália, e dali eles se aventuraram a estas ilhas.

— Os atrebates são das tribos belgas, que foram as últimas a vir para cá, e assim são os príncipes que governam as terras dos icenos — completou Lhiannon. — Embora exista sangue mais antigo entre as pessoas que eles governam.

Ela se virou para a grã-sacerdotisa.

— Quem foi o primeiro de nossa Ordem a vir para Avalon?

— O primeiro? — Mearan sorriu. — Há uma tradição de que não foi um sacerdote que chegou primeiro a Avalon, mas sim uma sacerdotisa, fugindo da destruição de seu forte em uma das primeiras guerras. O nome dela era Catuera. As tempestades de inverno tinham sido duras, então Avalon era de fato uma ilha. Em um clima como aquele, quando as brumas descem sobre os pântanos, é fácil perder o caminho. Catuera andou pelas brumas, encharcada e tremendo, até que ela chegou...

Mearan fez uma pausa para um gole de chá.

— A Avalon? — disse Coventa, ansiosamente.

A sacerdotisa balançou a cabeça.

— Ela chegou a um lugar sem sol nem lua, onde as árvores estavam sempre dando frutos e flores. E a rainha desse povo, que está há mais tempo do que qualquer pessoa humana nessas ilhas, a acolheu. Por um tempo fora do tempo, ela ficou lá, e quando estava curada atravessou as brumas mais uma vez. Foi assim que ela chegou a Avalon.

— Havia sacerdotisas morando lá? — perguntou Boudica.

— Sacerdotisas e sacerdotes — respondeu Mearan. — Descendentes da mistura dos primeiros povos destas ilhas e dos mestres da alta magia que tinham vindo das Terras Afundadas. Mas havia essa diferença... enquanto entre os primeiros druidas as sacerdotisas estavam presentes apenas para

servir aos sacerdotes nos rituais, em Avalon os sacerdotes e as sacerdotisas trabalhavam juntos, e era a Senhora de Avalon quem tinha mais poder.

— E essa ainda é a diferença entre nossa Ordem aqui e o jeito como é, ou era, na Gália — completou Lhiannon.

— As mulheres sábias de Avalon treinaram Catuera, e a enviaram de volta para estabelecer a paz entre o povo dela e os homens da raça antiga, e, embora as guerras e saques tenham continuado, eles nunca mais foram tão ruins como tinham sido, e no fim nos tornamos um só povo, como somos hoje.

— E todos os homens honram nossas sacerdotisas... — completou Coventa, satisfeita.

— Vamos tomar cuidado para merecermos essa reverência — disse Lhiannon.

## dois

— **U**m é para a fonte, a origem divina, sem nome, incognoscível, além da percepção — cantaram as meninas e os meninos sentados sob o freixo.

Pela primeira vez em semanas, as nuvens haviam deixado passar um pouco de sol, e os professores trouxeram os alunos para aproveitá-lo ao ar livre. Ardanos tinha enviado os estudantes bárdicos para praticar além do bosque. Até mesmo os erros deles pareciam mais doces no ar da primavera.

*A Verdade pode ser Uma para sempre, pensou Lhiannon, mas suas manifestações no mundo estão sempre em mudança.* O pensamento a fez estremecer.

— Dois é para o Deus e a Deusa, homem e mulher, luz e escuridão, todos os opostos que se encontram e se separam e se juntam uma vez mais — ela falou as palavras sem pensar, então fez uma pausa.

A primavera estava cedendo lugar ao verão. Em mais uma semana, acenderiam as fogueiras de Beltane. Nos festivais em que homem e mulher se deitavam juntos para trazer o poder do Senhor e da Senhora ao mundo, apenas as sacerdotisas que tinham feito voto de castidade em prol da alta magia ficavam longe. Ela lançou um olhar rápido para Ardanos, sentado do outro lado do círculo, e sentiu o rosto arder.

Mesmo do outro lado do círculo ela conseguia sentir o desejo dele por ela. Quando o inverno gelava todos os fogos era fácil negar as demandas

do corpo, mas, quando o sol reavivava nova vida em cada folha de árvore ou de grama, ela se lembrava de que era jovem e estava apaixonada.

— Três é para a Criança Divina que nasce da união deles, e três as faces da Deusa que dá vida ao mundo.

O sol de primavera passava pelas folhas novas, coroando os estudantes com luz. O cabelo claro de Coventa rebrilhava um dourado prateado, e atrás dela via uma cabeça inclinada como fogo aceso que só podia ser Boudica.

Seriam essas as únicas crianças que Lhiannon teria? Mais uma vez, ela olhou para Ardanos. Poderia sonhar em ter um filho dele, mas nunca tinha tido vontade de ter um bebê. Que os outros criassem corpos – aqui em Mona, ela e Ardanos formavam mentes e almas.

Ela queria sentar no assento da profecia e voar pelos céus, mas também desejava a força dos braços magros dele em torno de si. Os druidas mais velhos ensinavam que era preciso escolher entre corpo e alma. Os lábios de Lhiannon continuaram a se mover enquanto o canto seguia, mas a mente dela estava muito longe.

Enquanto os jovens marchavam de volta para Lys Deru, Lhiannon podia ouvi-los especulando sobre o que tinham escutado. Boudica, em particular, parecia pensativa. Era tempo. Depois de pouco mais de um ano, a menina ainda às vezes agia como... um romano visitando os bárbaros. Mas Boudica foi esquecida e Lhiannon sentiu um calor ao seu lado e se virou para encontrar Ardanos ali. O corpo todo dela corou em resposta quando ele tomou a mão dela.

— Quando leio os céus, eles me dizem que Beltane está próximo... — ele disse em voz baixa. — Vai dançar comigo quando acenderem a fogueira festiva?

*Vai se deitar comigo?* Ele não precisava dizer as palavras em voz alta.

Os sacerdotes diziam que o fluxo de energia do corpo era alterado quando um homem se deitava com uma mulher, bloqueando os canais pelos quais o poder fluía em profecia. Mas que esperança tinha Lhiannon de se sentar no banco do Oráculo enquanto Helve fosse a querida dos sacerdotes? A energia que fluía entre um homem e uma mulher criava outro tipo de poder. Era uma tola por recusar aquele êxtase em nome de uma oportunidade que poderia nunca chegar?

Ela não conseguiu falar, mas apertou a mão dele com mais força, e soube que seu corpo havia respondido.

\*\*\*

— Mas meninas não jogam hurling! Boudica, nunca vão deixar você entrar no campo! — gritou Coventa, pegando-a pela manga.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.